

MESTIÇOS NO PAÍS DOS ESPELHOS E O QUE ELES VIRAM LÁ*

José Carlos Barreto de Santana
Prof. Adjunto do Dep. de Ciências Exatas
Doutorando em História Social — USP

RESUMO — Vivendo num contexto fortemente marcado pelos princípios deterministas, positivistas e evolucionistas, baseando-se em teorias antropológicas e em autores iguais ou muito próximos, partilhando os mesmos pressupostos das desigualdades raciais e conseqüente inferioridade das raças não-brancas e dos prejuízos da mestiçagem e combatendo as teses sobre a uniformidade étnica presente ou futura da população brasileira, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha interpretaram as doutrinas importadas, modificando-as e adaptando-as às suas necessidades explicativas e chegaram a diferentes conclusões sobre as populações mestiças do litoral e do interior, chegando mesmo, no caso de Euclides da Cunha, através da sua análise do sertanejo, a desnudar a fragilidade da fantasia teórica do triunfo inevitável da raça branca.

ABSTRACT — Living in an intellectual environment strongly subjected to determinist, positivist and evolutionist ideas supported by some anthropological theories and authors either similar or very close, sharing the same racial inequality presuppositions concerning the inferiority of non-white races and the consequences of racial mixture, and fighting against the theses on present and future ethnical uniformity of Brazilian population, Nina Rodrigues and Euclides da Cunha explained the imported doctrines, modifying and making these doctrines suitable to their own methodological necessities which make them reach different conclusions about mestizos along the coast and in the inland. With regard to Euclides da Cunha, by means of the analysis of the inland inhabitant, he unveils the fragility of the theoretical fantasy of the unavoidable triumph of white race.

INTRODUÇÃO

Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, morreu a 22 de setembro de 1897, poucos dias antes do final da Guerra de Canudos, a 5 de outubro do mesmo ano. No dia seguinte à queda do arraial, uma comissão desenterrou o cadáver do Conselheiro, para que fosse devidamente identificado e fotografado,

*Serão abordados os trabalhos de Nina Rodrigues: *Os mestiços brasileiros* (1890), *As Raças Humanas* (1894), *Lucas da Feira* (1895), *A loucura epidêmica de Canudos* (1897), *A loucura das multidões* (1901), *Os Africanos no Brasil* (1933); de Euclides da Cunha: *Os Sertões* (1902).

após o que, cortou-se-lhe a “cabeça tantas vezes maldita”.

Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura ... (CUNHA, 1902/1987: p.572).

O representante da ciência a que se referiu Euclides da Cunha (1866-1909) era o médico legista Nina Rodrigues (1862-1906) que recebeu em Salvador aquele “(...) crânio de mestiço onde se associam caracteres antropológicos de raças diferentes” (RODRIGUES, 1901/1939: p.131).

No Brasil do final do século XIX, marcado por um “cientificismo difuso”, as teorias raciais, emanadas da Europa, encontram em boa parte dos intelectuais locais uma recepção calorosa, transformando-se num instrumento para a interpretação ou construção de suas idéias de nação.

É propósito deste trabalho estabelecer algumas comparações sobre as idéias de Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, a respeito da questão racial no Brasil do final do século XIX, levantando os seus muitos pontos convergentes e analisando as expressivas diferenças que marcaram as suas conclusões sobre o “litoral” e o “sertão” e os seus mestiços.

ELEMENTOS FORMADORES

Ao lado dos princípios deterministas, positivistas e evolucionistas, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues partilhavam os pressupostos correntes das desigualdades raciais e consequente inferioridade das raças não-brancas e dos prejuízos da mestiçagem.

A uniformidade étnica, presente ou futura, da população brasileira, admitida por Sílvio Romero, encontrava em Nina Rodrigues e Euclides da Cunha oposição franca.

Para Nina Rodrigues “só podemos falar de um povo brasileiro do ponto de vista político. Do ponto de vista sociológico e antropológico, muito tempo se passará antes de podermos considerar unificada a população do Brasil” (RODRIGUES, 1895/1939: p.153).

Já o engenheiro Euclides da Cunha sintetizou esta afirmação ao considerar que “não temos unidade de raça. Não a teremos, talvez, nunca”, pontificando: “não há um tipo antropológico brasileiro” (CUNHA, 1902/1985: p.145 e 158).

Analisando os três grupos étnicos cujo caldeamento influenciou a gênese das raças mestiças do Brasil, o médico e o engenheiro viam no elemento branco, representado pelos europeus aqui chegados, pelos “brancos crioulos”¹ não mesclados e pelos mestiços “(...) que por um cruzamento unilateral com a raça branca conseguiram no fim de um certo número de sangues voltar definitivamente

te a esta última raça” (RODRIGUES, 1890/1939: p.206), a “raça superior”, à qual caberia o papel de defesa da civilização ariana, no que pese a sua situação de minoria e malgrado o “complicado caldeamento” de onde emerge o português.

O indígena era, para Nina Rodrigues, representado pelo “brasílico-guarani selvagem que ainda vagueia nas florestas (...) e pelos seus descendentes civilizados, mas raros e só observados nos pontos vizinhos dos recessos a que se têm refugiado os selvagens” (RODRIGUES, 1894/1957: p.84).

O indígena, “elemento autóctone”, que predominara numericamente durante muito tempo, não teria se incorporado à população brasileira por uma impossibilidade de civilização e cultura, mesmo em demorado contato com a “raça branca”. “Tanto é verdade que no Brasil o índio extinguiu-se, ou está em vias de extinção completa mas não civilizou-se” (RODRIGUES, 1894/1957: p. 108-111). Embora aceitasse a condição de perfectibilidade da “raça humana”, Nina Rodrigues entendia que o índio catequizado ou “domesticado” não poderia ser considerado civilizado, mas sim um homem degradado.

Já Euclides da Cunha entendia que “os nossos selvícolas (...) podem ser considerados tipos evanescentes de velhas raças autóctones da nossa terra” (CUNHA, 1902/1985:142), baseando a sua convicção sobre o autoctonismo das raças americanas nos estudos de autores diversos, como, Wilhelm Lund e Frederick Hartt e principalmente na monografia de Trajano de Moura — *Do Homem Americano (ensaio de etnografia)* de 1889².

Para Euclides da Cunha seria “quimérica” qualquer tentativa de elevar o estado mental do “aborígene” às abstrações do monoteísmo. Apoiando-se em Varnhagem, Euclides da Cunha atribuía mais aos cruzamentos sucessivos que a verdadeiros extermínios a extinção do indígena em regiões do país (CUNHA, 1902/1985: p.161).

Nina Rodrigues fundou a etnologia afro-brasileira, delimitando um objeto, *o negro* ou *o africano*, e dedicou ao estudo da sua presença no Brasil parte significativa dos seus trabalhos, nos quais pode-se identificar uma manifesta simpatia pelos negros, a ponto de ter contra si a arrogância e a violência de senhores acostumados a oprimir, a explorar e espancar os seres humanos que se encontravam nas condições de seus escravos (SILVEIRA, 1988: p.181). Entretanto, esta admitida simpatia não deveria impedi-lo de dar à questão étnica o tratamento da ciência “livre e imparcial”, que proclamava a evidência da inferioridade das raças não-brancas, atribuindo mesmo à presença da raça negra no Brasil um dos aspectos determinantes da inferioridade industrial e técnica do país, sem que isto pudesse ser confundido com a “revoltante exploração” realizada pelos escravistas brasileiros contra os africanos (RODRIGUES, 1933/1988: p.5).

Para Roberto VENTURA (1991: p.52), o enfoque adotado pelo médico maranhense radicado na Bahia mostrava a compatibilidade entre a consciência abolicionista e a etnologia racista, onde a defesa da abolição não implicava a aceitação de igualdades étnicas.

Nina Rodrigues criticou o desprezo ao conhecimento dos povos negros que tanto concorreram para a colonização do país e a mais completa ignorância em que se vivia sobretudo no que dizia respeito a eles. O médico negava a tese do exclusivismo da origem *banto* dos negros que colonizaram o Brasil, que, sendo já encontrada em Spix e Martius, era aceita e defendida por João Ribeiro (*História do Brasil*, 1900), Sá Oliveira (*Cranometria comparada das espécies humanas na Bahia, sob o ponto de vista evolucionista e médico-legal*, 1895) e Sílvio Romero (*História da Literatura Brasileira*, 1888) (RODRIGUES, 1933/1988).

Na sua forma evolucionista de ver a questão racial, Nina Rodrigues hierarquizou os povos negros, defendendo a superioridade dos sudaneses sobre os bantos, considerando que "(...) povos há no Sudão que atingiram a uma fase de organização, grandeza e cultura que nem foi excedida, nem talvez atingida pelos bantos" (RODRIGUES, 1933/1988: p.271). Mesmo a mitologia "ewe-iorubana" foi classificada por Nina como das mais evoluídas e passível de contribuir para a conversão dos afro-brasileiros ao catolicismo.

Contra o "exclusivismo banto" no Brasil, o etnólogo criou, por sua vez, o "exclusivismo sudanês" na Bahia, que fez escola e resultou numa predominância dos estudos da cultura iorubana e no completo esquecimento das contribuições dos bantos.. O "exclusivismo sudanês" fez escola e só foi superado após a metade do século XX, a partir dos textos de Luiz Vianna Filho e Yeda Castro sobre a importância numérica e cultural dos bantos na Bahia (RISÉRIO, 1988: p.156).

Euclides da Cunha reconhecia em Nina Rodrigues o "investigador tenaz" que realizou uma análise cuidadosa do negro, o "nosso eterno desprotegido". Sem se ater a qual ramo africano pertenceria o negro transplantado para o Brasil, entendia o engenheiro que para cá ele teria trazido "(...) os atributos preponderantes do homo after, filho das paragens adustas e bárbaras, onde a seleção natural, mais que quaisquer outras, se faz pelo exercício intensivo da ferocidade e da força" (CUNHA, 1902/1985: p.142).

A MISCIGENAÇÃO

O autóctone indígena e os alienígenas negro e branco seriam as matrizes responsáveis pelo caldeamento que produziria o "espetáculo da miscigenação" (SCHWARCZ, 1993), convertendo o país num laboratório racial onde todos seriam mestiços "(...) senão no sangue ao menos na alma" na expressão de Sílvio Romero, na sua *História da Literatura Brasileira* (1888).

Nina Rodrigues tinha uma visão pessimista sobre a mestiçagem, que considerava um elemento negativo no processo de formação da população brasileira. Os defeitos da mestiçagem poderiam ser explicados através das ciências naturais: "é verdade biológica bem conhecida que nos cruzamentos de espécies diferentes o êxito é tanto menos favorável quanto mais afastadas na

hierarquia zoológica estão entre si as espécies que se cruzam”. No caso mais específico dos humanos, onde não se poderia comprovar a existência de híbridos estéreis, “(...) certos cruzamentos dão origem em todo caso a produtos morais e sociais, evidentemente inviáveis e certamente híbridos” (RODRIGUES, 1894/1957: p.126-127).

Segundo Gilberto Freyre, os trabalhos de Nina foram referências para Euclides da Cunha, na elaboração de *Os Sertões* e teriam sido as afirmações do médico sobre a inferioridade do negro e do mestiço que desorientaram o engenheiro, inclinado inicialmente “(...) a um diagnóstico mais sociológico do que étnico ou biológico da patologia da miscigenação brasileira” (FREYRE, 1987: p.193). Talvez corrobore esta consideração de Gilberto Freyre o trecho de *Os Sertões* em que, pretendendo descrever a figura do sertanejo, o autor decide fazê-lo sem método, despretensiosamente, “evitando os garbosos neologismos etnológicos”, sem se enredar em “(...) fantasias psico-geométricas, que hoje se exageram num quase materialismo filosófico, medindo o ângulo facial, ou traçando a *norma verticalis* dos jagunços”, recusando-se a embarcar nas “imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica” (CUNHA, 1902/1985: p.178).

Apoiando-se em Herbert Spencer (Essais científiques), Nina Rodrigues provavelmente não hesitaria em assinar a seguinte passagem de *Os Sertões* sobre a mestiçagem: “a mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso (...) de sorte que o mestiço — traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares — é, quase sempre, um desequilibrado” (CUNHA, 1902/1985: p.174).

Tanto para o médico quanto para o engenheiro, o produto do cruzamento de indivíduos de “raça superior” com indivíduos de “raça inferior” não traria em si nenhum aspecto positivo das “raças matrizes”, assim o mestiço não teria a força física dos ascendentes selvagens nem a capacidade intelectual dos antepassados civilizados.

Sílvio Romero, na sua *História da Literatura Brasileira* (1888), desenvolveu uma tese do branqueamento da “raça brasileira”, baseado nos conceitos da “Seleção Natural” e supondo que, enquanto o número de brancos no Brasil tendia a aumentar, o número de índios e negros apresentaria uma diminuição que apontava para o desaparecimento num futuro não muito remoto, resultando em que o mestiço, mais cedo ou mais tarde, haveria de se confundir com o branco.

Nina Rodrigues, advogando a inexistência, presente ou próxima, de uma unidade étnica da população brasileira, criticou a tese de Sílvio Romero, por não ser representativa de um Brasil real. Os próprios mestiços careceriam de unidade antropológica: “realmente — e é este um ponto sobre que convém insistir-se — não se deve crer que haja completa identidade da população mestiça do país” (RODRIGUES, 1890/1939: p.211).

Euclides da Cunha, acorde com Nina Rodrigues no que diz respeito à unidade étnica, lembrava que aos três elementos étnicos essenciais haveria de se juntar o meio físico diferenciador e ainda as condições históricas adversas e favoráveis que sobre eles reagiriam, o que resultava num alto grau de complexidade que impedia a aplicação das “leis antropológicas” voltadas para a aplicação nos casos binários: “os elementos iniciais não se resumem, não se unificam; desdobram-se; originam número igual de subformações — substituindo-se pelos derivados, sem redução alguma, em uma mestiçagem embaralhada (...)” (CUNHA, 1902/1985: p.143).

Tanto para o engenheiro quanto para o médico, os três mais característicos grupos mestiços seriam os dos *mulatos* (produto do cruzamento de brancos com negros), *mamelucos*³ (produto do cruzamento de índios com brancos) e *cafuz(o)s* (produto do cruzamento de negros com índios). Cada um destes grupos poderia ser subdividido em pelo menos três subgrupos, como por exemplo, no caso dos *mulatos*: “a) *mulatos* de primeiro sangue, b) *mulatos claros*, de retorno à raça branca e que ameaçam absorver-a de todo; c) *mulatos escuros*, cabras, produto do retorno à raça negra, uns quase completamente confundidos com os negros crioulos, outros de mais fácil distinção ainda” (RODRIGUES, 1894/1957: p.85).

Um quarto grupo a ser acrescentado aos três anteriores seria o dos *pardos*, que apenas teoricamente deveriam ser o produto brasileiro por excelência, por convergirem para ele os cruzamentos sucessivos do *mulato*, do *mameluco*, e do *cafuz(o)*.

Mapeando a mestiçagem num Brasil dividido em 4 regiões, Nina Rodrigues analisou os elementos preponderantes nesse processo, encontrando a predominância de uma mestiçagem luso-africana ligeiramente indígena entre o litoral do Norte da Bahia e o Maranhão, observando que aí o indígena puro quase desapareceu de tudo, cogitando que num futuro muito remoto os seus traços estariam completamente excluídos dos mestiços resultantes (RODRIGUES, 1894/1957).

Para a região identificada como centro do país (São Paulo, Minas e Rio de Janeiro) e a região sul, o médico vê a migração predominantemente ítalo-portuguesa e germânica, respectivamente, como responsável pelo predomínio futuro da “raça branca”, ligeiramente mesclada, salientando a insignificância do elemento negro no extremo sul.

A quarta e última região — Amazônia e estados ocidentais — teria uma composição étnica diferente das anteriores, pois nem o branco (o clima impediria a imigração européia à região), nem o negro (porque estancada a fonte de imigração africana e os negros existentes já estariam em processo de mestiçagem) haveriam de desalojar o índio. O futuro reservaria a esta região o cruzamento do elemento indígena e os *mulatos* e *pardos* (RODRIGUES, 1890/1939 e 1894/1957).

Chamando a atenção para o fato de que, mesmo internamente, nas regiões descritas não existia uniformidade étnica, Nina Rodrigues encontrava na diferen-

ciação climática e na conformação física geral do país as principais garantias das futuras distinções previstas.

LITORAL E SERTÃO

Nesta organização regional apresentada por Nina Rodrigues nos trabalhos *Mestiços Brasileiros* (1890/1939) e *Raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* (1894/1957) estava caracterizada uma linha demarcatória e o autor não se aventurava muito além dos limites do litoral, mas a Guerra de Canudos levou-o a explicitar suas opiniões sobre a população sertaneja (*A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços* — 1897/1939), vista como “nômade” e “guerreira”, representada pelo “jagunço”, “(...) um produto tão mestiço no físico que reproduz os caracteres antropológicos combinados das raças de que provém, quanto híbrido nas suas manifestações sociais que representam a fusão quase inviável de civilizações muito desiguais” (RODRIGUES, 1897/1939: p.65).

O sertão seria o espaço de uma população mestiça no “estádio inferior da evolução social”, sem capacidade mental para compreender as abstratas transformações políticas decorrentes da mudança da monarquia para a república. Incapazes de compreender a república como forma superior de organização política, os sertanejos “serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância, do que por um desenvolvimento intelectual, étnico e religioso, insuficiente ou incompleto” (RODRIGUES, 1897/1939: p.70).

Nas “longínquas paragens” sertanejas não haveriam de ser entendidos elementos fundamentais da civilização, como, o direito de voto, funcionamento regular dos tribunais, etc, predominando a vontade e os sentimentos dos “chefões, régulos ou mandões” (RODRIGUES, 1897/1933).

Nina Rodrigues opõe o litoral — reduto da civilização e dos grupos brancos, ao sertão — dominado por uma população mestiça, infantil, inculta. Para o médico, “seria desconhecer o nosso próprio país acreditar que nessas vastas regiões seja mais do que nominal a existência da civilização européia” (RODRIGUES, 1897/1939: p.66).

Embora reconheça no jagunço elementos de uma mestiçagem que envolve o branco, o índio e o negro, Nina Rodrigues o descreve como revelador na sua inteireza do “caráter indomável do índio selvagem”, portanto, essencialmente um mameluco, considerado por ele como o mestiço menos apto à civilização e à educação (RODRIGUES, 1894/1957: p.144).

Da mesma forma que procedeu com os diferentes grupos oriundos da África, Nina Rodrigues, na sua ânsia evolutiva/classificatória, estabeleceu uma hierarquização para os mestiços brasileiros, dentre os quais “os mestiços do negro, as diversas espécies de mulatos, são incontestavelmente muito superiores pela inteligência aos outros mestiços do país” (RODRIGUES, 1894/1957:145),

determinando ser fato a inferioridade do mameluco ao mulato.

Paradoxalmente, essa superioridade não aparece no trecho de *A loucura epidêmica de Canudos* (1897/1939), onde o jagunço — mameluco — de espírito infantil e inculato, aparece à frente do mestiço do litoral — mulato. Os primeiros souberam “(...) acomodar as qualidades viris de seus ascendentes selvagens (...)”, enquanto os segundos enfraqueceram-se quando colocados diante de “(...) uma vida mais intelectual do que física, uma civilização superior às exigências de sua organização física e mental (...)” (RODRIGUES, 1897/1939: p.65).

Se, para Nina Rodrigues, o clima era apenas um aspecto que selava a impossibilidade da imigração européia para a região amazônica, para Euclides da Cunha o meio físico era um elemento diferenciador que, juntamente com os três elementos étnicos principais e com as condições históricas, comporiam as incógnitas a serem desvendadas, para que se pudesse “esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil” (CUNHA, 1902/1985: p.85).

Assim é que o autor de *Os Sertões* traça considerações sobre um “meio físico amplíssimo e variável”, contrapondo-se às opiniões que consideravam o meio físico brasileiro uniforme, e o subdivide em três zonas claramente distintas: a francamente tropical (estados do norte do País até o sul da Bahia), a temperada (de São Paulo ao Rio Grande do Sul) e a subtropical (alongando-se pelo centro e norte de alguns estados de Minas ao Paraná) (CUNHA, 1902/1985: p.145-153).

Após comentar as “modalidades mesológicas”, parte Euclides da Cunha para caracterizar a situação histórica do Brasil que ainda nos seus primórdios viu-se objeto de uma separação radical entre o sul e o norte⁴ (CUNHA, 1902/1985: p.153).

A história do norte era, para ele, mais teatral, porém, menos eloqüente. Preso no litoral, entre o sertão inarredável e os mares, “surgem heróis, mas a estatura avulta-lhe, maior, pelo contraste com o meio; belas páginas vibrantes mas truncadas, sem objetivo certo, em que colaborem, de todo desquitadas entre si, as três raças formadoras.

Mesmo no período culminante, a luta com os holandeses, acampam, claramente distintos em suas tendas de campanha, os negros de Henrique Dias, os índios de Camarão e os lusitanos de Vieira. Mal unidos na guerra, distanciam-se na paz. O drama de Palmares, as correrias dos selvícolas, os conflitos na orla do sertão violam a transitória convergência contra o batavo” (CUNHA, 1902/1985: p.156).

No sul, surge o paulista⁵ que “erigiu-se como um tipo autônomo, aventureiro, rebelde, libérrio, com a feição perfeita de um dominador da terra, emancipando-se, insurrecto, da tutela longínqua, e afastando-se do mar e dos galeões da metrópole, investindo com os sertões desconhecidos, delineando a epopéia inédita das bandeiras...” (CUNHA, 1902/1985: p.156).

Tratando ainda do meio físico, Euclides da Cunha introduz, através de uma descrição da Serra do Mar, o conceito de isolador étnico e histórico que seria

particularmente importante para ele entender o sertanejo.

“Convindo em que o meio não forma as raças [Euclides de Cunha considerava que] no nosso caso especial variou demais nos diversos pontos do território as dosagens de três elementos essenciais. Preparou o advento de sub-raças diferentes pela própria diversidade das condições da adaptação” (CUNHA, 1902/1985: p.158).

Se Euclides afirmava que a mistura das raças é prejudicial, se o mestiço é quase sempre um desequilibrado sobre quem pesava a “fatalidade das leis biológicas” — e “não há terapêutica para esse embater de tendências antagônicas” — o mestiço sertanejo constitui-se num caso à parte.

O mulato, que é um mestiço, é um degenerado, mas o sertanejo, que é um mestiço, não o é: “é um retrógrado, não é um degenerado” (CUNHA, 1902/1985: p.171).

Por que tal paradoxo?

Primeiro, porque na sua classificação racial Euclides vislumbrava a existência de uma “raça superior”, o branco, e duas “raças inferiores”, o índio e o negro. No meio destas, uma outra classificação, quanto à origem, o fazia optar por uma supremacia dos índios, julgados autóctones, sobre o negro, julgado alienígena.

Em segundo lugar, porque Euclides da Cunha se vale de uma idéia que lhe é fundamental: a tese do isolamento/insulamento étnico e histórico.

A primeira mestiçagem teria acontecido logo nos primeiros tempos, intensamente, entre o europeu e o índio, e quando isto se deu no interior do país, a contribuição africana não teria sido significativa no processo de mestiçagem, pois “o elemento africano de algum modo estacou nos vastos canaviais da costa, agrilhado à terra e determinando cruzamento de todo diverso do que se fazia no recesso das capitanias. Aí campeava, livre, o indígena inapto ao trabalho e rebelde sempre, ou mal tolhido nos aldeamentos pela tenacidade dos missionários” (CUNHA, 1902/1985: p.162).

O próprio mulato, por sua vez, teria uma origem fora do nosso país, vez que o “consórcio afro-lusitano” já havia se estabelecido no século XV, portanto, antes mesmo da vinda deles para o “novo mundo”. E, no caso do Brasil, a concentração desses mestiços dera-se no litoral, onde a presença do africano debruava uma grande “tarja negra” que iria da costa da Bahia ao Maranhão, mas pouco penetrava o interior (CUNHA, 1902/1985: p.162).

Assim, para Euclides da Cunha, estaria estabelecida a distinção perfeita entre os cruzamentos realizados no sertão e no litoral, e ele se volta para explicar como, a partir da mestiçagem predominantemente entre índios e brancos se deu a formação de uma “raça forte”, o sertanejo, para quem faltara até então um historiador, que, de alguma forma, o próprio Euclides ensaia ser, como que a resgatar “aqueles desconhecidos singulares, que ali estão — abandonados — há três séculos” (CUNHA, 1902/1985: p.178).

Mestiço do sertão, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o

raquitismo exaustivo dos mestiços do litoral” (CUNHA, 1902/1985: p.178).

Euclides da Cunha exercita com o sertanejo a sua capacidade de trabalhar imagens antitéticas, já explicitada na primeira parte do livro, “A terra”, como por exemplo nas páginas sobre o clima. E o homem aparece então com a mesma inconstância que o meio, numa similaridade que não deve ser estranhada, já que “A terra” é uma espécie de antecipação do que virá em todo o restante de *Os Sertões*.

O sertanejo é forte e fraco, Hércules Quasímodo, ao mesmo tempo junta-se no mesmo ser, a fortaleza e a fraqueza, a beleza e a feiúra, inerentes ao sertanejo brasileiro — representação cujo personagem carrega em si a sua própria ambigüidade, como a sua simplicidade “a um tempo ridícula e adorável” (CUNHA, 1902/1985: p.179).

Euclides da Cunha escreveu páginas das mais vivas representações imagéticas, como por exemplo as que descrevem o homem permanentemente fatigado, refletindo “preguiça invencível, a atonia muscular perene”, que é uma aparência que ilude pois que um simples “alevntamento” de uma rês o transforma num “centauro bronco”, num “cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo frágil”, mas que, terminada a refrega, volta a oscilar “à feição da andadura lenta, com a aparência triste de inválido” (CUNHA, 1902/1985: p.179-181).

CONCLUSÃO

Da leitura até aqui feita dos trabalhos de Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, pode-se entender que as teorias antropológicas e os autores que os influenciaram (Le-Bon, Taine, Buckle, Gumplowicz, etc) foram os mesmos ou muito próximos e que os trabalhos de Nina Rodrigues tiveram importância na elaboração de *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

No entanto, partindo dos pressupostos da inferioridade das raças não-brancas” e dos prejuízos da mestiçagem, médico e engenheiro chegaram a diferentes conclusões. Enquanto Nina Rodrigues defendia a primazia evolutiva das populações litorâneas, Euclides da Cunha negava tal interpretação, invertendo a oposição litoral X sertão.

Se Nina Rodrigues desenvolveu os seus trabalhos fundamentalmente dentro da “tarja negra” do litoral, Euclides da Cunha voltou-se para o país interior, pouco lembrado, onde “descobriu” no sertanejo a “rocha viva da nossa raça” (CUNHA, 1902/1985: p.559).

Nina Rodrigues entrou para a história como o principal doutrinador racista da sua época. Não hesitava em seguir as implicações de suas doutrinas raciais, por mais ortodoxas que fossem, sem se deixar influenciar pela “viva simpatia” que lhe inspirava o negro brasileiro. Tudo em nome da “ciência que não conhece estes sentimentos” (RODRIGUES, 1933/1988: p.4).

O médico Nina Rodrigues era um mestiço, mulato, que, apesar de suas

considerações sobre a inferioridade dos negros e mestiços, “(...) tomava posição publicamente (isto é, politicamente) contra a violência e o arbítrio que atingiam os descendentes dos africanos, era o advogado que defendia diante do público bem-pensante, embora dentro de uma ótica evolucionista, a dignidade da cultura negra” (SILVEIRA, 1933/1988: p.182).

Nina Rodrigues teve sempre abertas as portas dos terreiros de candomblé, e demais instituições do povo negro, e foi consagrado *Ogan*⁶ do Terreiro do Gantois, um dos mais tradicionais da Bahia.

Já se disse que não se deve tomar ao pé da letra as doutrinas que Euclides da Cunha seguia (VENTURA, 1993). Mais que um simples aplicador, ele as modificava, adaptando-as às suas necessidades explicativas.

Euclides da Cunha que se auto-definia como “misto de celta, tapuia e grego” — em que pese não ser socialmente reconhecido como tal — admitia a tese do triunfo inevitável da “raça branca” sobre as demais. No entanto, *Os Sertões* desnuda a fragilidade desta fantasia teórica, quando confrontada com o sertanejo.

Nina Rodrigues estudou o crânio de Antônio Conselheiro para desvendar os mistérios da loucura.

Após a morte do mameluco Euclides da Cunha, o seu cérebro foi retirado por Afrânio Peixoto (nas suas próprias palavras, primeiro dos discípulos de Nina Rodrigues), para que se pudesse entender as linhas da genialidade.

NOTAS

¹ Nina Rodrigues utilizava as expressões “brancos crioulos” e “negros crioulos” na caracterização de indivíduos da “raça branca” ou “raça negra”, respectivamente, nascidos já no Brasil.

² A hipótese das migrações asiáticas e australianas, que negaria o autoctonismo da “raça americana” só se fixou mais tarde, sendo as suas investigações posteriores a 1900.

³ O termo *curiboca* era utilizado por Euclides da Cunha como sinônimo de *mameluco*, enquanto Nina Rodrigues o utilizava com o mesmo significado de *cafuz(o)*.

⁴ A designação “norte” incluía toda a região nordeste atual.

⁵ Euclides da Cunha utilizava o termo “paulista” abrangendo a população de Minas, Rio de Janeiro, São Paulo e demais estados do sul.

⁶ *Ogans* são os membros masculinos do candomblé que nunca entram em transe e se encarregam tanto das tarefas administrativas e diplomáticas, como da música e dos sacrifícios ou elementos de destaque da sociedade oficial, simpatizantes do candomblé que recebem a função de protetores do culto (SILVEIRA, 1988: p. 182-183). Nina se encaixaria no último caso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos* (1902), ed. crítica por Walnice

- N. Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FREYRE, Gilberto. Euclides da Cunha revelador da realidade brasileira. In: *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: Record, 1987. p.51-69.
- _____. Nina Rodrigues recordado por um discípulo. In: *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: Record, 1987. p.191-196.
- RISÉRIO, Antônio. Bahia com "H" - uma leitura da cultura baiana. In: REIS, João José (org.). *Escravidão & invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.143-165.
- RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil* (1933). Brasília: UNB. 1988.
- _____. A loucura das multidões: nova contribuição ao estudos das loucuras epidêmicas no Brasil (1901). In: *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1939.
- _____. A loucura epidêmica de Canudos. Antônio Conselheiro e os jagunços (1897). In: *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1939. p.50-77.
- _____. Lucas da Feira (1895). In: *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. p.153-164.
- _____. *As raças humanas* (1894). Salvador: Progresso. 1957.
- _____. Os mestiços brasileiros (1890). In: *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. p.195-215.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil — 1870-1930*. São Paulo: Companhia de Letras, 1993.
- SILVEIRA, Renato da. Pragmatismo e milagre de fé no extremo ocidente. In: REIS, João José (org.). *Escravidão & invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.166-197.
- SKIDMORE, Tomhas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- VENÂNCIO FILHO, F. Fundamentos científicos de *Os Sertões*. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro: ABL, Ano 5, n.15, p.63-77, dez. 1945.
- VENTURA, Roberto. A face nem tão oculta de Euclides da Cunha. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 10 out. 1993, p.6/9.
- _____. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.